Laura Bellini



Não Precisamos Merecer o Verão

Eles não precisam um do outro para desejar ficar juntos

Não Precisamos Merecer o Verão

Eles não precisam um do outro para desejar ficar juntos

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901953

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que não estavam no contrato.....13
Capítulo 2 - Lugares aonde nenhum cronograma nos leva 26
Capítulo 3 - Quando o vento muda de direção 39
Capítulo 4 - Uma noite sem precisar de justificativa..... 50
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - Um momento que não planejamos 73
Capítulo 7 - O que fica depois de um beijo 84
Capítulo 8 - As pessoas que realmente nos conhecem..... 95
Capítulo 9 - O preço de correr riscos juntos 105
Capítulo 10 - Já não somos um acaso.....117
Capítulo 11 - Uma manhã que pertencia a nós 129
Capítulo 12 - Quando o cuidado começa a pesar.....140
Capítulo 13 - Nem tudo está à venda 150
Capítulo 14 - Coisas que não podemos prometer 161
Capítulo 15 - A verdade que não cabe nas boas intenções 171
Capítulo 16 - A distância de que precisávamos.....184
Capítulo 17 - O que escolho para mim.....196
Capítulo 18 - Um gesto que não exige nada em troca..... 206
Capítulo 19 - Tudo o que já não precisamos provar..... 217
Capítulo 20 - Um verão que não precisamos merecer 227

INTRO

No primeiro dia de junho, decidi que, durante todo o verão, não faria nada que não pudesse justificar em uma planilha de custos.

Parecia sensato. Pelo menos até eu me ver em um píer na região dos lagos da Masúria, segurando o celular em uma das mãos, uma pasta com o cronograma na outra e, debaixo do braço, uma câmera fotográfica que eu levava nas viagens havia dez anos e quase nunca tirava do estojo.

O lago Niegocin tinha a cor de prata fosca. O vento desenhava longas faixas escuras sobre a água e, em algum lugar atrás de mim, alguém ligou o motor de um barco. O ar cheirava a madeira aquecida pelo sol, cordas molhadas e café vindo da taverna próxima. Eram nove e dezessete. Às nove e meia, eu deveria visitar a marina; às dez, verificar os locais sugeridos para as fotografias; e, antes do meio-dia, enviar à editora uma lista preliminar de locações.

Eu havia planejado tudo com a precisão que algumas mulheres dedicavam à escolha do vestido de noiva.

Eu tinha quarenta e nove anos, dois relacionamentos fracassados no passado e uma carreira muito bem-sucedida como editora de álbuns fotográficos. Já não acreditava no destino, mas acreditava nos prazos de entrega.

O celular vibrou.

— Jadwiga, nem me diga que você já está trabalhando — ouvi a voz da minha amiga Dorota.

— Não estou trabalhando. Estou admirando o lago.

— Com uma planilha?

Olhei para a pasta aberta.

— É um cronograma.

— Ou seja, uma planilha que ganhou uma capa elegante.

Dorota me conhecia havia vinte e três anos. Era a única pessoa capaz de me fazer rir e me irritar ao mesmo tempo, sem o menor esforço.

— Vim para cá produzir um álbum, não passar por uma transformação espiritual — lembrei.

— Você veio para a Masúria por seis semanas. Podia pelo menos tomar café da manhã uma vez sem verificar os e-mails.

— Eu tomei.

— O quê?

— Café.

Ela suspirou tão alto que afastei o celular do ouvido.

— Jadzia, quando foi a última vez que você fez alguma coisa simplesmente porque estava com vontade?

Olhei para o lago. Perto da margem, um pequeno barco de madeira com o casco branco, descascado em alguns pontos, balançava suavemente. Alguém havia deixado uma camisa clara de linho sobre o banco. Por um instante, imaginei como seria agradável me sentar ali com um livro, tirar os sapatos e não olhar para o relógio.

— Acabei de comprar uma lente nova — respondi.

— Para o trabalho.

— Eu gosto do meu trabalho.

— Eu sei. Estou perguntando sobre o resto.

Não encontrei uma resposta imediata, algo extremamente raro para mim.

— Ligo para você à noite — prometi.

— Não precisa. Você pode simplesmente aproveitar a noite.

Ela desligou antes que eu conseguisse protestar.

Guardei o celular e ajeitei a alça da bolsa. Havia outros três projetos esperando por mim na editora, um apartamento em Varsóvia onde eu não mudava nem um vaso de lugar havia meses e, ali, seis semanas de trabalho em um álbum sobre os lagos da Masúria. Eu pretendia criar um livro que não fosse apenas mais uma coleção de pores do sol dignos de cartão-postal. Queria mostrar aqueles lugares por meio das pessoas que haviam escolhido permanecer ali, dos píeres consertados a cada primavera e dos barcos que carregavam marcas das histórias de outras pessoas.

A ideia era minha. O projeto era meu. O primeiro, em muito tempo, no qual eu realmente podia decidir tudo.

Pelo menos era o que eu pensava.

— Senhora Turek?

Virei-me.

O homem parado a poucos passos de distância vestia uma camisa polo azul-marinho, calças claras e sapatos velhos, aparentemente confortáveis. Mechas grisalhas atravessavam seus cabelos escuros, e o rosto trazia as marcas de muitos anos passados sob o sol. Devia ter pouco mais de cinquenta anos. Segurava dois copos de café e trazia um mapa enrolado debaixo do braço.

Não parecia alguém preocupado por ter chegado sete minutos atrasado.

— Sim. Jadwiga Turek.

— Wacław Sowa. Da Marina Pod Żaglami.

Ele estendeu um dos copos em minha direção.

— Preto, sem açúcar. Sua assistente disse que é assim que a senhora toma.

— Eu não tenho assistente.

— Nesse caso, conversei com alguém muito convincente.

Só depois de um instante percebi que ele estava falando de Marta, a coordenadora de produção do álbum.

Aceitei o café.

— Obrigada. Acho melhor começarmos examinando os píeres. Tenho uma janela limitada de luz para as fotografias.

Wacław olhou para o céu.

— Luz é o que não falta por aqui.

— Estou falando da luz adequada.

— Ah, isso já é outra história.

Ele sorriu, mas não daquele jeito que os homens costumavam sorrir quando estavam convencidos de que toda mulher esperava receber um elogio. Seu sorriso era tranquilo, quase íntimo. Como se alguma coisa o tivesse divertido, mas ele não pretendesse me obrigar a compartilhar da graça.

— Antes de começarmos — disse -, gostaria de lhe mostrar uma coisa.

— Se tiver relação com o álbum, claro.

— Tem relação com o lago.

— Isso é bastante abrangente.

— Geralmente é.

Ele se virou e caminhou em direção à extremidade do píer. Eu poderia ter recusado. Na verdade, deveria ter

perguntado para onde estávamos indo e quanto tempo aquilo levaria. Em vez disso, fui atrás dele, tomando cuidado para não derramar café sobre os documentos.

Ele parou junto ao barco de madeira, o mesmo que eu estivera observando pouco antes.

— Não é particularmente fotogênico — comentei.

— Nem tudo precisa ser.

Ele se agachou e passou os dedos pela tinta desbotada do casco.

— Este barco pertenceu ao meu pai. Durante trinta anos, ele saía com ele todas as manhãs. Nem sempre tinha algum lugar para ir. Às vezes voltava depois de uma hora, de mãos vazias.

— Era pescador?

— Carpinteiro. Pescava muito mal.

Ri antes mesmo de pensar se seria apropriado.

Wacław ergueu a cabeça.

— Quando eu era mais jovem, achava que ele estava desperdiçando tempo. Tinha encomendas para entregar, contas atrasadas, uma casa precisando de reparos. E ficava sentado na água, olhando para o horizonte.

— Talvez precisasse daquilo.

— Na época, isso nunca me passou pela cabeça.

Ele se levantou. Por um momento, ficou olhando para a margem oposta, onde os telhados das casas apareciam entre as árvores.

— Agora eu mesmo não consigo sair de barco sem ter um motivo concreto — admitiu.

Não respondi. Havia algo desconfortavelmente familiar naquela frase, embora não tivéssemos nada em comum além do projeto e do café daquela manhã.

— Por que está me mostrando isso? — perguntei.

— Porque, se a senhora fotografar apenas o que é bonito, vai acabar fazendo um álbum que qualquer pessoa pode comprar em um posto de gasolina.

Ele tinha razão.

O que me irritou mais do que deveria.

— Não pretendo fazer esse tipo de álbum.

— Nesse caso, talvez a gente consiga se entender.

Ele me entregou o mapa. Nas bordas havia anotações feitas à mão, nomes de enseadas e pequenos portos. Alguns lugares estavam assinalados com lápis vermelho.

— Aqui tem uma coisa interessante — disse, apontando para uma pequena enseada. — Mas não dá para chegar de carro. É preciso ir de barco.

— Já tenho os trajetos planejados.

— Eu vi.

— E então?

— São muito sensatos.

Ele disse aquilo num tom que me fez encará-lo com desconfiança.

— Imagino que isso seja uma qualidade.

— Depende do que a senhora está procurando.

De repente, senti calor demais dentro do blazer leve. Desabotoei um botão, embora o vento vindo do lago não tivesse diminuído.

— Estou procurando boas fotografias e histórias verdadeiras.

— Então permita que eu lhe mostre uma delas.

— Agora?

— Agora é o melhor momento. Daqui a uma hora, o vento vai mudar.

Consultei o relógio. Faltavam poucos minutos para as dez. Ao meio-dia, eu tinha uma conversa marcada com o fotógrafo e, mais tarde, uma reunião com um arquivista local. Bastava dizer que não tinha tempo.

Wacław não tentou me apressar. Deixou o mapa sobre o banco e terminou o café, como se minha decisão não tivesse qualquer influência sobre o dia dele. Só então percebi o celular aparecendo no bolso da calça. A tela se iluminava repetidas vezes, e ele sempre virava o aparelho para esconder a luz na palma da mão. Não parecia um homem com a manhã livre.

— O senhor também tem compromissos — observei.

— Tenho.

— E, mesmo assim, está propondo um passeio.

— Estou propondo vinte minutos na água. Nossos compromissos vão continuar nos esperando.

Ele olhou para mim e depois para o mapa.

— A menos que a senhora prefira voltar imediatamente ao seu planejamento.

Não era um desafio. Não ouvi sequer um vestígio de provocação em sua voz. Ele simplesmente deixou a escolha nas minhas mãos.

E foi justamente isso que tornou tudo tão difícil.

Nos últimos anos, eu havia aprendido a dizer não às pessoas que precisavam de alguma coisa de mim. O que eu não conseguia lembrar era quando alguém, pela última vez, havia me oferecido algo agradável sem exigir nada em troca.

Wacław estendeu a mão para recolher meu copo vazio.

Entreguei o copo, mas fiquei com o mapa.

— Vinte minutos — determinei. — E nada de improvisações.

Ele olhou para a enseada assinalada e assentiu.

— Vou tentar.

— Isso não é muito convincente.

— Não gostaria de começar nossa relação prometendo algo que talvez não consiga cumprir.

Pela primeira vez, observei-o com verdadeira atenção. Havia rugas ao redor de seus olhos, mãos de um homem acostumado ao trabalho e uma voz que não carregava pressa. Ele não tentava parecer mais jovem nem mais interessante do que realmente era. E, no entanto, eu estava parada naquele píer, segurando seu mapa e, em vez de consultar a próxima tarefa, imaginava como aquela voz soaria se pronunciasse meu nome sem a formalidade do tratamento de senhora.

Wacław soltou a amarra do barco e ergueu os olhos para mim.

— Vamos, Jadwiga?

Eu ainda poderia voltar para o carro. Para minhas anotações organizadas, meus prazos seguros e a convicção de que toda coisa boa precisava ter uma justificativa.

Em vez disso, tirei os sapatos, entrei cuidadosamente no barco e me sentei diante dele.

Quando nos afastamos do píer, meus documentos ficaram em terra firme, guardados dentro da bolsa. Pela primeira vez em muito tempo, não procurei o celular.

Observei Wacław assumir o leme enquanto o vento agitava os fios grisalhos junto à sua têmpora.

E então me ocorreu uma pergunta que eu não sabia encaixar em nenhum cronograma.

Será que eu seria capaz de me permitir viver algo bonito, mesmo sem ter feito absolutamente nada antes para merecê-lo?

Capítulo 1 - Condições que não estavam no contrato

Quando voltamos à marina, meu cronograma já estava desatualizado, e eu tinha na câmera trinta e sete fotografias que não pretendia tirar.

O mais irritante era que provavelmente seriam melhores do que a maioria das imagens planejadas.

A enseada para onde Wacław me levara não oferecia uma paisagem espetacular. Não havia iates imponentes nem píeres dignos da capa de um folheto turístico. Em compensação, cresciam ali antigos amieiros, cujas raízes avançavam pela água como dedos mergulhados em um banho frio, e, entre os juncos, havia um barco solitário, virado de cabeça para baixo. Wacław me contou sobre um homem que, durante quarenta anos, consertara redes naquela enseada, embora já não vivesse da pesca havia muito tempo.

Não guardei todos os detalhes. Mas me lembrei de como Wacław ficava em silêncio quando eu fotografava e de como sabia esperar sem espiar por cima do meu ombro.

Era uma habilidade rara.

A maioria das pessoas com quem eu trabalhava queria ver o resultado imediatamente. Wacław parecia compreender que, às vezes, uma imagem precisava de algum tempo até que a pessoa decidisse o que realmente havia visto.

— Combinamos que voltaríamos depois de vinte minutos — lembrei, enquanto ele amarrava o barco.

— E voltamos.

— Depois de quarenta e seis.

— Não combinamos que eu deveria lembrá-la das horas.

Olhei para ele.

— Essa é uma interpretação bastante conveniente.

— Administro uma marina. Interpretações convenientes me ajudam a sobreviver às conversas com os proprietários dos barcos.

Ele me ofereceu a mão para me ajudar a subir no píer. Sua palma era quente, áspera pelo trabalho e consideravelmente maior que a minha. Soltou-me assim que recuperei o equilíbrio. Aquele pequeno gesto me pareceu mais significativo do que deveria.

— Agora vamos tratar das questões práticas — anunciei.

— Eu temia que esse momento chegasse.

— Tenho um contrato, um orçamento e compromissos com a editora.

— Eu também tenho compromissos, senhora Jadwiga.

Ele disse isso tranquilamente, mas alguma coisa mudou em sua voz. A descontração que eu ouvira no barco desapareceu.

Ele me conduziu a um pequeno edifício no fim do cais. No térreo ficavam o escritório da marina, uma oficina e uma sala de descanso para os funcionários. Uma varanda de madeira dava para o lago, e junto ao corrimão cresciam gerânios plantados em velhos baldes de metal.

Lá dentro, havia cheiro de café, resina e papel. Nas paredes estavam penduradas fotografias tiradas décadas antes. Nelas, vi píeres de madeira, barcos de pesca e pessoas vestindo suéteres grossos, paradas diante de

construções que já não existiam. Em um canto havia uma escrivaninha grande, coberta de documentos, e ao lado uma estante estreita com livros sobre a história da Masúria.

Meu interesse profissional despertou imediatamente.

— De onde vieram essas fotografias?

— Algumas herdei do meu pai. As outras foram trazidas por moradores.

— Estão identificadas?

— Nem todas.

— Então essa deveria ser a primeira tarefa.

Wacław ergueu as sobrancelhas.

— A senhora ainda nem se sentou.

— Bons materiais de arquivo perdem valor rapidamente quando não conhecemos sua origem.

— Nesse caso, por favor, sente-se. Antes que percam o pouco valor que lhes resta.

Sobre a mesa havia uma jarra de vidro com água e dois copos limpos. Sentei-me diante dele, abri o notebook e espalhei o plano de trabalho impresso.

Wacław não pegou um computador. Trouxe seu próprio caderno, grosso, encadernado em couro marrom-escuro, com marcadores aparecendo entre as páginas.

— O álbum terá aproximadamente duzentas e quarenta páginas — comecei. — Seis partes principais, organizadas de acordo com as características dos lagos e dos lugares ligados a eles. Não quero um guia tradicional, mas precisamos de uma estrutura clara. Sua marina será nossa base, e o senhor será o principal consultor de campo.

— Sei o que está escrito no contrato.

— Então podemos passar aos prazos.

Empurrei o cronograma em sua direção.

Ele leu a primeira página, depois a segunda. Não fez comentários. Seu silêncio começou a me irritar mais do que qualquer crítica.

— Tem alguma observação?

— Algumas.

— Estou ouvindo.

— Não vamos sair de barco todos os dias às seis da manhã. Não levaremos o fotógrafo a todas as enseadas indicadas. E não vou colocar pessoas diante de uma câmera só porque combinam com determinado capítulo.

Olhei para ele por cima dos óculos.

— É um planejamento preliminar.

— Então ainda bem que estamos conversando logo no começo.

— Por que não podemos sair às seis?

— Porque tenho três barcos que precisam de reparos antes do fim de semana, dois funcionários no turno e hóspedes que esperam de mim mais do que histórias bonitas.

— Podemos contratar outro piloto.

— Podemos. Mas nem todos esses lugares exigem um piloto. A senhora vai precisar de alguém a quem as pessoas estejam dispostas a contar suas histórias.

Não gostei de perceber que ele tinha razão novamente.

— A editora está pagando pelo seu tempo — lembrei.

Wacław fechou o caderno.

— A editora paga pelo meu conhecimento e pela minha colaboração. Não está comprando minha vida inteira.

Durante alguns instantes, ouvimos apenas o ranger das tábuas da varanda e o distante bater de peças metálicas de um mastro.

Eu não estava acostumada a conversas daquele tipo. Em vinte e cinco anos de profissão, aprendera a reconhecer quem levava os prazos a sério e quem aproveitava qualquer oportunidade para escapar deles. Wacław não parecia irresponsável. Muito pelo contrário. Tudo em seu escritório revelava um homem que tentava manter coisas demais funcionando ao mesmo tempo.

— O que exatamente o senhor espera? — perguntei.

Ele se recostou na cadeira.

— Que não finjamos que o lago é um cenário e as pessoas são objetos de decoração.

— Nunca trabalho dessa maneira.

— Acredito. Mas esse planejamento parece feito para colocar o verão dentro de uma máquina e receber um álbum pronto do outro lado.

Tirei os óculos.

— Senhor Wacław, esse planejamento é resultado de seis semanas de preparação.

— E eu moro aqui há cinquenta e três anos.

Ele não levantou a voz. Não precisava.

Senti raiva porque sua experiência era exatamente o que eu precisava. Fora por isso que a editora assinara um contrato com ele antes de minha chegada à Masúria. Desistir daquela colaboração significaria perder o acesso aos

arquivos, aos contatos e aos lugares que não apareciam nos mapas turísticos.

Mas entregar a ele o controle do projeto estava fora de questão.

— Não posso permitir que cada encontro dependa do clima, do humor dos entrevistados e da sua convicção de que hoje seria um bom dia para contemplar a água.

Uma sombra de sorriso apareceu em seu rosto.

— Então a senhora admite que às vezes vale a pena?

— Não vamos mudar de assunto.

— Não estou mudando.

Durante um momento, ficamos nos olhando em silêncio. Ele tinha olhos claros, de um tom entre o cinza e o azul, nos quais não encontrei nem divertimento nem impaciência. Havia atenção. Uma atenção ligeiramente desconfortável, como se realmente escutasse tudo o que eu dizia em vez de apenas esperar sua vez de falar.

— Vou propor uma coisa — disse finalmente. — Fixaremos dois dias por semana. O restante ficará flexível. Vou mostrar pessoalmente os lugares mais importantes. Para os outros, encontraremos pessoas que possam ajudar. Mas não vou convencer ninguém a posar para fotografias contra a própria vontade.

— Dois dias são insuficientes.

— Para começar.

— Preciso de pelo menos três.

— Dois dias inteiros e uma tarde.

— Três dias inteiros.

— Senhora Jadwiga, eu administro uma empresa.

— E eu sou responsável por um álbum que precisa chegar à gráfica antes do outono.

Wacław olhou para meu cronograma e depois para seu caderno.

— Dois dias inteiros, uma tarde e a possibilidade de uma saída extra de barco se as condições climáticas forem excepcionais. Desde que avisemos um ao outro com antecedência.

Considerei a proposta. Era sensata, embora eu não pretendesse lhe dar a satisfação de concordar imediatamente.

— Preciso ter a garantia de que não ficarei sem material.

— E eu preciso garantir que não ficarei sem marina.

Sorri involuntariamente.

— O senhor é um homem difícil.

— A senhora também não facilita muito.

— Não é uma acusação que costumo ouvir.

— Talvez as pessoas tenham medo de lhe dizer.

Ele falou com tanta naturalidade que comecei a rir de verdade. Uma risada breve, espontânea. Wacław me observou por alguns instantes e então também sorriu.

Não era o sorriso de alguém que havia vencido uma negociação. Parecia mais o de um homem que acabara de descobrir algo interessante.

Nossa conversa foi interrompida por uma batida na porta.

Uma mulher de aproximadamente quarenta anos entrou no escritório. Tinha os cabelos presos em um coque despretensioso, usava uma camisa de trabalho e segurava um maço de notas fiscais.

— Wacek, o pessoal da assistência ligou. A peça do motor só chega na sexta-feira.

— Eu sei, Anka. Falei com eles hoje de manhã.

— E o que vamos fazer com a reserva?

— Vamos transferir os hóspedes para o outro barco. Eu ligo para eles.

A mulher olhou para mim.

— Desculpe, não sabia que você estava em reunião.

— Esta é a senhora Jadwiga Turek. Estamos preparando um álbum juntos.

Nós nos cumprimentamos. Anna era responsável pelas reservas e pela maior parte das questões administrativas da marina.

— Ainda bem que finalmente alguém vai conseguir tirá-lo do escritório — comentou. — Só não acredite quando ele disser que não tem tempo.

— Anka.

— O quê? Acho que seu último fim de semana livre foi em outubro.

Wacław olhou para ela com a paciência de alguém que ouvira comentários semelhantes durante anos.

— Vou resolver a reserva.

Anna saiu, deixando as notas fiscais sobre a mesa.

Percebi que ele imediatamente as puxou para perto, como se até aqueles documentos exigissem seus cuidados pessoais.

— O senhor tem alguém que pode assumir parte das responsabilidades — observei.

— Tenho uma equipe muito boa.

— Mas tudo ainda passa pelo senhor.

— É minha empresa.

Não soou como orgulho. Pareceu simplesmente a explicação de algo óbvio.

Não insisti. Eu mesma detestava quando desconhecidos tentavam reorganizar minha vida depois de apenas uma hora de convivência.

Em vez disso, virei o notebook em sua direção.

— Muito bem. Vamos fazer algo útil. Quero lhe mostrar como imagino a primeira parte do álbum.

Abri a apresentação que havia preparado. Na tela surgiram grandes fotografias dos lagos, esboços de diagramação e trechos de texto. Wacław se inclinou para olhar melhor. Senti o perfume discreto de sabonete e madeira que ele trouxera da oficina.

— Bonito — disse.

— Não preciso de elogios.

— Ótimo, porque tenho uma observação.

Ele apontou para uma das fotografias.

— Esse píer não existe mais.

Franzi a testa.

— A fotografia foi tirada há dois anos.

— Foi desmontado no outono. Estava perigoso.

Passei para a imagem seguinte.

— Então precisamos substituir a fotografia.

— Não necessariamente. Podemos mostrar o que havia ali e explicar por que desapareceu.

Fiquei em silêncio.

Era exatamente o tipo de história que eu procurava. Não mais uma paisagem perfeita, mas um lugar com seu próprio passado e com as consequências da passagem do tempo.

— O senhor tem fotografias da demolição?

— Tenho. E conheço o homem que construiu aquele píer junto com meu pai.

Abri meu caderno de anotações.

— Nome?

— Primeiro me diga uma coisa: pretende reservar algum espaço para histórias que não têm finais felizes?

Olhei para ele.

— Nem tudo precisa terminar bem para merecer ser contado.

Wacław permaneceu calado por alguns instantes.

— Nesse caso, acho que realmente podemos fazer algo bom juntos.

Eu não sabia por que aquelas palavras me agradaram mais do que o elogio à apresentação.

Trabalhamos por mais duas horas. Alteramos a ordem das primeiras locações, definimos como entraríamos em contato com os entrevistados e marcamos as datas das três saídas de barco mais importantes. Wacław me deu nomes de pessoas às quais provavelmente eu jamais teria acesso sozinha. Em troca, mostrei como as histórias delas poderiam formar uma narrativa coerente.

Aos poucos, deixamos de lutar um contra o outro.

Isso, porém, não significava que concordávamos em tudo.

Quando sugeri que visitássemos o antigo porto de pesca no dia seguinte, Wacław recusou.

— Amanhã não posso.

— Por quê?

— Tenho trabalho.

— Eu também.

— Então nós dois estaremos ocupados.

Suspirei.

— O senhor realmente não pretende facilitar este projeto para mim.

— Pretendo ajudá-la a fazer um bom álbum. Não é necessariamente a mesma coisa.

Fechei o notebook.

— E se eu concluir que nossa colaboração não está funcionando?

Ele recebeu a pergunta sem se ofender.

— Nesse caso, vai me dizer diretamente. E tentaremos encontrar outra solução.

— Simples assim?

— De que outra maneira poderia ser?

Não tive resposta.

Havia algo surpreendentemente atraente em um homem que não tentava me prender a qualquer custo. Um homem capaz de estabelecer limites sem demonstrações de força e de ouvir uma recusa sem transformar aquilo em uma ofensa ao próprio orgulho.

Levantei-me e comecei a reunir os documentos.

— Enviarei o cronograma atualizado hoje à noite.

— Amanhã de manhã será suficiente.

— Prefiro terminar hoje.

Wacław me observou atentamente.

— Senhora Jadwiga, a senhora não precisa transformar cada hora em uma prova de que a aproveitou bem.

Fiquei imóvel, segurando a pasta.

Ele não dissera nada ofensivo. Não me conhecia o bastante para tocar deliberadamente em uma ferida. Mesmo assim, tive a sensação de ter sido surpreendida fazendo algo que não queria mostrar.

— Não preciso de conselhos sobre como organizar meu próprio tempo — respondi com mais frieza do que pretendia.

Wacław assentiu.

— Tem razão. Desculpe.

Não tentou se justificar. Tampouco transformou a observação em uma brincadeira.

Isso apenas aumentou meu constrangimento.

Junto à porta, virei-me uma última vez.

— Obrigada pela ajuda de hoje.

— Foi um prazer.

— Apesar de todas as negociações?

— Especialmente apesar delas.

Lá fora, o sol avançava em direção à parte oeste do céu. A marina estava movimentada. Alguém limpava o convés de um iate, crianças corriam pelo gramado e o cheiro de peixe frito chegava da taverna.

Caminhei alguns passos antes de perceber que havia deixado meus óculos no escritório.